

# DEPOIS DAS ELEIÇÕES<sup>1</sup>

Victor Meyer<sup>2</sup>

*Este livro já se encontrava no prelo quando ocorreram as eleições gerais de 3 de outubro. O livro carregaria uma lacuna se, publicado logo em seguida ao pleito, deixasse de confrontar o seu tema central com o resultado das urnas. As anotações seguintes procuram evitar a lacuna e concluir a função que coube a esta parte introdutória: a de configurar o caráter atual da problemática contida nos textos aqui selecionados.*

## I

A análise do fenômeno eleitoral deve começar pelas suas determinações mais amplas, situadas ao nível dos movimentos de conjuntura que percorrem a sociedade brasileira. Nesse sentido, a primeira observação a ser feita é que o Brasil ingressou, desde finais de 1992, num movimento de recuperação econômica que já começa a aparecer como expansão cíclica, mediante recuperação da taxa interna de lucro e com o aporte de capital financeiro internacional.

O capital industrial, após longo período de autodepuração, de racionalização de custos e de redução da sua dependência frente aos bancos, agora retoma a iniciativa e conclui preparativos para um novo ciclo de investimentos expansionistas. Todo esse processo de mudanças na indústria brasileira foi acompanhado por uma constante, um traço essencial que vem se reafirmando recentemente: a elevação da taxa de exploração, acompanhando o desemprego e o enorme aumento da produtividade do trabalho.

A ofensiva do capital sobre o trabalho fez com que as grandes conquistas organizatórias alcançadas pelos trabalhadores, nos anos de maior crescimento da CUT, se tornassem logo insuficientes para fazer frente às novas condições de luta. A luta salarial e outras lutas de resistência passaram a trilhar um caminho de derrotas. Esse percurso tornou-se muito evidente durante o governo Collor, mas a rigor prosseguiu com o governo Itamar. Afora algumas vitórias, habilmente conseguidas por categorias isoladas, a luta de resistência prosseguiu, nesses anos e até hoje, em marcha batida.

O nível de consciência e organização alcançado pelos trabalhadores nos anos 80 mantém-se integralmente, porém perde seu poder transformador, sua capacidade de gerar fatos novos, em decorrência do avanço do capital sobre o trabalho. O sindicalismo da CUT, embora sem ceder os espaços já conquistados, perdeu força relativa. Não prosseguiu na transformação das formas de organização dos trabalhadores, de modo a elevar o movimento ao nível das exigências impostas pelo novo cenário de lutas.

O revigoramento das forças do capital potencializou as limitações das forças do trabalho, essas últimas representadas, na luta recente, pela classe operária e por frações organizadas da classe média assalariada e de trabalhadores rurais.

Essas circunstâncias afetam amplamente a dinâmica das lutas de classes e, como se deveria esperar, têm efeitos eleitorais. Primeiro, porque os trabalhadores, na defensiva, reduzem ou anulam seu poder de polarização sobre as camadas politicamente atrasadas no seu próprio campo, ou seja, sobre os setores periféricos ainda ignorantes de noções de luta coletiva contra o capital. Fora do campo de irradiação representado pelo núcleo forte dos trabalhadores, acima caracterizado, esses numerosos contingentes se dividem, ora aceitando a demagogia burguesa, ora mergulhando num ceticismo primário que, no plano eleitoral, vai sustentar os altos índices de votos nulos e brancos.

---

<sup>1</sup> Nota introdutória escrita para o livro "Andar com os próprios pés", Belo Horizonte, SEGRAC, 1994. Refere-se às eleições presidenciais de 1994. (Nota dos editores).

<sup>2</sup> Economista, Doutor em Administração Pública pela Universidade de Paris VIII. Foi Prof. Assistente do Dep. de Ciências Humanas e Filosofia da UEFES (Feira de Santana/BA) e Prof. de Economia da UCSal (Salvador/BA). Falecido em 16 de abril de 2001, aos 52 anos.

Segundo, porque a força do capital, aguçada com a recuperação da economia (desde o final de 1992), passa a atrair segmentos crescentes da classe média. Mesmo algumas frações da classe média de tradição reformista bandeiam-se atraídas pelo irresistível apelo do capital em expansão como, aliás, já aconteceu em precedentes históricos bastante conhecidos.

Ocorre, em conseqüência, uma conjuntura nacional muito diferente daquela dos idos de 1989.<sup>3</sup> Naquele momento, a indústria ainda estava no fundo do poço e o movimento dos trabalhadores, embora carregando as limitações da sua organização, já referidas aqui, mantinha os lauréis ainda recentes da sua marcha ascendente. Em 1989, a sociedade brasileira foi surpreendida pelo crescimento eleitoral do PT e pela flagrante divisão das classes dominantes. Hoje, em 1994, a surpresa fica por conta da atitude eleitoral defensiva da Frente Brasil Popular.

## II

O cenário das lutas de classes, acima resumido, expõe a "parte encoberta do iceberg" eleitoral. Daí se impõem, esquematicamente e numa aproximação preliminar, as seguintes conclusões:

- As limitações do núcleo mais resistente do movimento dos trabalhadores são limitações herdadas do passado e não resolvidas ao longo da era da CUT e do PT. Esse problema básico se constitui, precisamente, no tema central da presente publicação e é debatido na seqüência dos artigos apresentados;
- Essas limitações políticas internas, relativas à organização dos trabalhadores, amortecem o seu poder de atração sobre as forças sociais periféricas e desorganizadas, reduzindo a dimensão e cerceando as potencialidades do conjunto dos trabalhadores da cidade e do campo;
- As referidas limitações da luta atual fazem com que se obscureçam, perante o conjunto da sociedade brasileira, algumas bandeiras que, por direito e genuinamente, integram uma política operária. É o caso da luta contra a inflação.

Aqui chegamos a um aspecto do recente desenlace eleitoral que guarda uma relação indireta com o plano real: como num passe de mágica, bastou o plano de estabilização monetária para que as elites dominantes conseguissem convencer a grande parte a sociedade brasileira de que a bandeira antiinflacionária não estava com as lideranças dos trabalhadores. É de todo fundamental entender por que um "truque" tão simplório pareceu momentaneamente ganhar uma aparência de verdade, levando as lideranças dos trabalhadores à perplexidade, provocando na militância uma sensação de perda, de derrota e de quase apatia.

Se uma grande parcela dos aliados potenciais da classe operária não identificou esta classe como o principal expoente social e político da luta contra a inflação foi porque a luta contra a inflação, travada por esse núcleo mais forte dos trabalhadores, esteve mantida, nos últimos anos, no seu limite mínimo, como uma chama próxima da extinção, imperceptível para as camadas menos conscientes do mundo do trabalho.

Diante desse problema básico, de pouco adiantariam eventuais ajustes ao nível do discurso da Frente Brasil Popular. A sociedade trabalhadora não se convenceria apenas com palavras. Essas circunstâncias, por outro lado, as elites dominantes não precisariam recorrer a maiores lances de "esperteza" para lograrem ocupar os espaços abertos pela fragilidade operária.

A luta dos metalúrgicos de S. Bernardo, recentemente, esboçou uma alternativa, mas ainda a ser desenvolvida local e nacionalmente. Esboçou um caminho, ao combinar a pressão de massa com a atuação na respectiva Câmara Setorial, onde conseguiram repercutir a ação fiscalizadora dos operários sobre as contas das empresas automobilísticas.

Trata-se de uma modalidade embrionária de interferência operária sobre preços e tributos. Esse gênero mais avançado de luta só poderá alcançar êxito ao ampliar-se nacionalmente — e se apoiado em organizações de base dos trabalhadores. Não se pode, realisticamente,

<sup>3</sup> Sobre as eleições de 1989, vide artigo do autor intitulado "As heranças da campanha eleitoral e as novas perspectivas", disponível em [www.centrovictormeyer.org.br](http://www.centrovictormeyer.org.br). (Nota dos editores).

esperar que este salto de qualidade venha a ocorrer sem que se operem mudanças políticas envolvendo a organização do movimento, conforme amplamente discutido nesta coletânea.

Pelo que foi argumentado, torna-se legítimo concluir que, por trás da fraqueza eleitoral dos trabalhadores, está a fraqueza da sua organização e os limites da sua capacidade de luta. Este parece ser o problema crucial do momento.

*Outubro/1994*